

Talvez o Conselho geral da Tribo Sateré-Mawé decida, numa próxima assembleia, de comemorar a data do 29 de julho como dia da coleta do lixo, pois, isso torna-se fácil de entender lendo esse livro, também era o que Zenilda, mana Zenilda, encarnava no imaginário étnico, ou melhor, no imaginário mitológico dos Sateré-Mawé. Infelizmente, esta publicação virou uma oportunidade para lembrar uma grande figura do movimento indígena brasileiro, falecida de forma prematura e inesperada.

Um ano antes, em 2008, ela tinha deixado essa tarefa. Tarefa que era moralmente sua, que ela tinha começado, muitos anos antes, sozinha, lá no mato, lá no interior profundo, bem antes que se começasse a pensar em algo parecido na industrializada Capital do Estado do Amazonas.

Ela tinha que deixar esse trabalho, porque o Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé, CGTSM, precisava “racionalizar os custos”. Cada ano tinha mais lixo para catar na Terra indígena Andirá-Marau, devido ao crescimento demográfico, e devido, por bem e por mal, à intensificação do contato e aos novos objetos de consumo que o mundo contemporâneo apronta e espalha sem pensar na sustentabilidade. Cada ano era mais caro depender de uma equipe da “aldeia migrante” de Manaus, e já era tempo “que a base assumisse”. Assim, o CGTSM suspendeu o convênio com a AMISM, a Associação das Mulheres Sateré-Mawé, e parou de financiar a equipe de Manaus. Ou seja: “Obrigado Dona Zenilda, a senhora está demitida”.

Na realidade, isso representava a oportunidade de um novo desafio para as mulheres Sateré-Mawé. E todavia, “esquentada” como ela era, frente a uma decisão unilateral, todo mundo esperou o estourar de uma tempestade. Mas ela não ficou com magoa: “trabalho pesado é mesmo para homens”, me disse. E na verdade, ela já tinha outros projetos, sobretudo o de fazer da Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé um instrumento para “sanear” as relações de gênero dentro da área indígena. E fortalecer a sede da AMISM de Manaus como casa de apoio e amparo para as mulheres indígenas espancadas (fenômeno que ela considerava em crescimento por causa do aumento do consumo de bebidas alcoólicas), e arrumar projetos de ação afirmativa para abrir para as meninas as mesmas oportunidades de ir além do ensino fundamental, e resgatar a autonomia das mulheres da base, dentro de cada família, na gestão do dinheiro oriundo da produção de artesanato feminino ou da colheita ou do cultivo das matérias primas necessárias. Relações de gêneros que a tradição queria diferentes, e que o crescimento do contato com todo o pior da sociedade não indígena fazia cada vez mais desiguais. Esses projetos todos morreram com ela.

Nas suas conclusões, a Autora aponta todavia as mudanças estruturais introduzidas pelo “Projeto Lixo” da Zenilda na vida e no pensamento dos índios Sateré-Mawé. Cabe ler para entender. Mas acredito que uma, e talvez a maior, entre essas mudanças lhe escapou, talvez para não ter ainda se manifestado na hora da pesquisa.

Pouco tempo depois do falecimento da Zenilda, em Brasília, eu tive uma longa conversa com o novo vice-presidente do CGTSM, Sidney Michiles, durante o primeiro encontro nacional da Terra Madre, movimento mundial das “comunidades do alimento” espalhadas no Planeta, para defender o direito dos agricultores de produzir alimentos bons e limpos, e também de ver o valor desse trabalho reconhecido. Os Sateré-Mawé estavam presentes, em defesa do guaraná nativo contra o avanço, rumo às terras sagradas deles, de clones, pesticidas, adubos químicos e ameaças de poluição transgênica.

Ele acabou me contando de como estava acontecendo naquele ano a coleta de lixo na região dele, a dos rio Marau e Urupadi. “A coleta do lixo é a melhor oportunidade, falou-me o Sidney, para que toda a diretoria eleita na nossa região possa se articular com a base, informar e discutir sobre os programas em andamento, entender mais concretamente os problemas, fazer trabalho educacional.....”. Ou seja: lá estava um jovem professor e estudante universitário, titular de um cargo honrado, eleito, com toda a nova diretoria executiva do CGTSM, em consequência de uma competição política, para “estar no poder” se prestigiando, no caso, do gerenciamento do dinheiro do comércio do Guaraná e da cooperação internacional, me contando como se nada fosse que a própria diretoria executiva, *eles mesmos*, foram e continuavam andando de aldeia em aldeia,

suando e carregando nas costas o lixo do Povo, como gari aos olhos de todo mundo, e aproveitando da oportunidade para fazer, conjuntamente, o “trabalho de base”!

Isso, na verdade, ficou mais simbólico do que real, e a primeira reivindicação de cada nova representante das mulheres na Diretoria do CGTSM até hoje (2016), continua sendo o adequado financiamento de uma retomada sistemática da coleta do lixo por parte das mulheres auto-organizadas.

Mas os símbolos têm grande valor, e foi esse o caminho que a Zenilda trilhou. Ela não era professora, era quase analfabeta; ela pouco entendia de como gerenciar uma organização moderna, complicada e complexa, como é obrigada a ser, hoje em dia, uma organização indígena como a dos Sateré-Mawé para manter em aberto -verdadeiramente e não para Inglês ver- a aposta do etnodesenvolvimento. Mas ela soube mostrar às lideranças e ao “povo miúdo” não simplesmente que o verdadeiro poder é servir, mas que o verdadeiro poder é também saber esquecer a dignidade formal do cargo.

Ela mostrou, atravessando o lixo, um caminho rumo à liberdade.

“Doutor em Socio-economia do desenvolvimento pela EHESS de Paris, Maurizio Fraboni, junto com a Autora, através da Associação de Consultoria e Pesquisas Indianistas da Amazônia – ACOPIAMA, assessora desde 1995 o Projeto Integrado Autônomo de Etnodesenvolvimento do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé.